

# Novonor assina a venda de controle da Braskem

Transação, anunciada em 2025, envolvia cerca de R\$ 20 bi em dívida

/ PETROQUÍMICA

A Braskem informou nesta segunda-feira que a Novonor (ex-Odebrecht) assinou o contrato para a venda da sua fatia na companhia ao fundo de investimento em participações Shine I (Shine I FIP), que é assessorado pela gestora IG4 Capital. A transação havia sido anunciada em dezembro e envolvia cerca de R\$ 20 bilhões em dívida, garantida por ações da petroquímica. Quando o negócio for concretizado, o fundo deve compartilhar o controle da Braskem com a Petrobras, o segundo maior acionista da empresa.

De acordo com fato relevante da Braskem, o Shine assumirá 50,1% do capital votante e 34,3% do capital social total da companhia. Em contrapartida, Novonor terá sua participação reduzida a uma fatia residual, permanecendo com 4% do capital social total. A conclusão da venda da participação da Novonor na Braskem ainda depende da aprovação de órgãos regulatórios e de que a



Fundo deverá compartilhar controle da petroquímica com a Petrobras

Petrobras não exerça seus direitos de preferência e de venda conjunta ("tag along") previstos no atual acordo de acionistas. A estatal afirmou no mês passado que não exercerá esses direitos.

A IG4 é uma gestora brasileira de investimentos, especializada em companhias endividadas, em reestruturação financeira ou com problemas de governança.

A Braskem enfrentou vários

anos difíceis devido à fragilidade do mercado global petroquímico e às tentativas frustradas de sua controladora, Novonor, de se desfazer de ativos após envolvimento no escândalo da Lava Jato, há uma década. Os problemas da Braskem se intensificaram nos últimos meses, após desastre ambiental em uma de suas minas de sal e a pressão contínua sobre o fluxo de caixa.

## Operação pode ampliar competitividade do Polo de Triunfo

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

A confirmação da assinatura do acordo de venda da participação que a Novonor possui na Braskem poderá representar uma maior competitividade para o Polo Petroquímico de Triunfo. O contrato firmado com o fundo de investimento, vinculado à empresa IG4 Capital, no entanto, prevê uma maior influência da Petrobras na companhia, que é a mais relevante dentro do complexo gaúcho, e isso pode gerar uma integração benéfica para o empreendimento.

O diretor da MaxiQuim Assessoria de Mercado, João Luiz Zuñeda, adianta que a expectativa é de uma maior aproximação entre as áreas de refino de petróleo e petroquímica, o que poderia melhorar a competitividade dos polos petroquímicos brasileiros, em especial, o complexo de Triunfo (que fica próximo a refinaria Alberto Pasqualini, da Petrobras, localizada em Canoas).

A iniciativa também prevê que seja firmado com a Petrobras

(que tem participação na empresa petroquímica) um novo acordo de acionistas para contemplar uma governança equilibrada dentro da Braskem entre o fundo de investimento e a estatal.

Essa ação incluirá a obrigação de obtenção de consenso em todas as deliberações do Conselho de Administração e da Assembleia Geral e o direito à indicação, pelas partes, de número igual de membros para o Conselho de Administração e a Diretoria Estatutária. Conforme o diretor da MaxiQuim, a Petrobras terá uma participação mais ativa do que era verificado até recentemente. Ele argumenta que, para uma planta petroquímica ser competitiva, é preciso ter matéria-prima com custo acessível, e isso pode ocorrer com uma maior participação da Petrobras no setor. Ele complementa que a integração dos segmentos de refino e petroquímico pode contribuir para um melhor fornecimento de nafta (principal insumo utilizado no Polo de Triunfo).

Zuñeda enfatiza ainda a capacidade da Petrobras de realizar grandes projetos. Essa caracterís-

tica, comenta, poderia fazer, por exemplo, a estatal querer investir em um gasoduto para abastecer o polo gaúcho. "Nós precisamos ter uma petroquímica forte no Brasil", complementa o presidente do Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado do Rio Grande do Sul (Sinplast-RS), Alfredo Schmitt.

Dentro desse cenário, o dirigente considera que deve ser positivo para a cadeia produtiva do plástico. Ele acrescenta que uma empresa fornecedora de resinas termoplásticas local, com força e escala, eleva a segurança quanto ao fornecimento de matéria-prima, sem deixar o mercado local tão sujeito às adversidades internacionais como, por exemplo, conflitos bélicos. Schmitt considera que uma maior ingerência da Petrobras talvez possa também fortalecer projetos petroquímicos. No entanto, ressalta que ainda é prematuro assegurar com profundidade como será o desmembramento da alienação da Braskem e será preciso esperar para ter mais segurança sobre o assunto.



**Gerson Anzzulin**  
atencaonoseguro@gmail.com

Atenção  
no seguro

INFORME PUBLICITÁRIO

## Mudança de perspectivas no mercado segurador

Durante entrevista coletiva no último dia 15 de abril, o presidente da Confederação Nacional das Seguradoras, Dyogo Oliveira, apresentou a nova projeção de crescimento do segmento segurador brasileiro para 2026, na faixa de 5,7% e uma arrecadação de R\$ 808 bilhões. Em dezembro de 2025, a projeção da entidade era de um crescimento de 8% para este ano.



Dyogo Oliveira: "O setor de seguros é um reflexo direto da saúde da economia"

Conforme Oliveira, a guerra no Oriente Médio e as implicações econômicas foram pontos determinantes para a revisão das projeções. "Monitoramos com atenção a instabilidade no Oriente Médio, pois a crise impacta diretamente os preços do petróleo e a inflação. Essas pressões acabam influenciando a trajetória da Selic e o crescimento do PIB. Como o setor de seguros é um reflexo direto da saúde da economia, qualquer redução na atividade econômica ou na renda das famílias acaba resultando em uma menor demanda por proteção".

Também se mantém o impacto negativo da incidência do IOF sobre a Previdência Privada, principalmente nos planos VGBL. Em 2025, a redução na captação foi de 20% na comparação com 2024, caindo de R\$ 185 para R\$ 155 bilhões. A perspectiva para 2026 é de uma redução de 4,5% em relação a 2025.

Ao detalhar a previdência complementar, Dyogo Oliveira disse que existe uma tese equivocada de que o produto é para pessoas ricas. "Os levantamentos indicam que 97% dos detentores de planos VGBL possuem reserva acumulada inferior a R\$ 1 milhão, sendo que a média de contribuição é pouco menor de R\$ 8 mil ao ano. Apenas 0,1% dos participantes têm reserva de mais de R\$ 10 milhões", afirmou.

Ressaltou ainda que R\$ 50 bilhões deixaram de ser aplicados nos planos em 2025. "Este dinheiro migrou para outros investimentos, principalmente para a LCI e LCA. Além disso, o governo deixou de arrecadar R\$ 7 bilhões".

Outros setores vão manter a projeção de crescimento, como os de saúde (9%), vida (7,4%), seguros massificados (11%), Responsabilidade Civil (4,5%), transportes (8,1%) e saúde (9%). O mesmo não ocorre para os setores de riscos de engenharia (- 6,4%) e rural (- 3,9%).

No segmento habitacional, a expectativa é de crescimento de 12,8%, apoiado na expansão do crédito imobiliário, no déficit habitacional ainda elevado e no avanço de programas habitacionais públicos.

Em relação ao seguro auto, o crescimento previsto é de 7,1%, com 2,6 milhões de veículos novos emplacados. A tendência de aumento ocorre em cima do crescimento da frota que atua em aplicativos e dos veículos híbridos e elétricos.

Apesar de um ambiente econômico ainda desafiador, a CNseg avalia que o setor mantém fundamentos sólidos, sustentados pela diversificação de produtos, aumento da conscientização sobre proteção financeira e expansão do crédito em áreas como habitação e consumo.

Proteção

começa sempre

com informação.

Siga o SINDSEGRS nas redes sociais para conhecer tudo sobre o Mercado Segurador, de forma didática e envolvente.



